

## Memórias reversas. Uma leitura de *Os meus sentimentos*, de Dulce Maria Cardoso

Profa. Dra. Alleid Ribeiro Machado<sup>1</sup> (FFLCH/USP, FAPESP)

### Resumo:

*Os meus sentimentos* é um romance escrito sob a óptica de Violeta, uma mulher fora dos padrões de beleza, carente de estima própria que, no limite da vida e da morte, encontra-se cindida entre o amor e o desejo de vingança, entre a dor e o desejo de evasão. No entanto, nesse romance de 2005, é possível entrever, além da sutil memorização dos sentimentos da personagem, temas inerentes à contemporaneidade portuguesa e outras de caráter mais universal, além de questões relativas à corporalidade, aspecto inclusive divisado na própria construção de Violeta. Dessa forma, o presente trabalho objetiva sondar essas questões nesse romance de autoria feminina, levando em consideração, para tanto, os estudos culturais. A ideia, ao fim, é evidenciar a forma inusitada de que lançou mão a autora para a construção da narrativa em pauta.

**Palavras-chave:** literatura de autoria feminina, corporalidade, gênero, modernidade tardia, estudos culturais.

### 1 Introdução

Em *Os meus sentimentos*, romance de Dulce Maria Cardoso, galardoado em 2005 com o Prêmio da União Europeia para a Literatura, conhecemos a história de Violeta, uma mulher que, após sofrer um acidente de carro e cuja vida está por um fio, começa a recordar o que tem sido a sua existência, de qualquer forma revelando o que ela tem sido: uma mulher completamente “inadequada” quer para os padrões de beleza, quer para os paradigmas de comportamento, considerados e elegidos como ideais pela sociedade de nosso tempo.

Em meio a uma narrativa que, do ponto de vista estrutural, é composta por pensamentos fluidos que insinuam *flashes* de memória e pelo uso de vocábulos e estruturas sintáticas altamente polissêmicas, o leitor é levado a partilhar os sentimentos de uma personagem que abre a cortina íntima de sua vida “que raio fiz eu da minha vida” (CARDOSO, 2005, p. 98). Daí a explicação para um título tão intimista, claramente declarado pelo uso no plural do pronome possessivo “meus”, antecedido pelo artigo definido “os”, depois seguido do substantivo “sentimentos”. Sem dúvida alguma, *Os meus sentimentos* é, antes de tudo, um livro de confidencialidades, a revelar-nos os sentimentos “de Violeta”, paulatinamente destrinchados página a página, por sua própria voz narrativa.

É, pois, o tecido das memórias de Violeta a matéria pela qual é-nos possível sondar questões inerentes à contemporaneidade portuguesa e outras de caráter mais universal, como o sentimento de inadequação de sujeitos face ao cotidiano caótico de uma cidade grande, certa desilusão pós- 25 de abril (questão que, inclusive, virá a ser mais amplamente explorada pela óptica de Rui, o adolescente retornado do livro *O retorno*, de 2011), a banalização dos relacionamentos interpessoais, o consumismo irracional, além de questões relativas à corporalidade, aspecto inclusive divisado na própria construção da protagonista.

No que tange ao sentimento de inadequação vivenciado pela personagem, tema que nos restringiremos a abordar neste trabalho, verificamos uma aproximação análoga entre o vivenciado por Violeta em relação àquele explanado por Edward Said em *Reflexões sobre o exílio*. Nesse livro,

o autor aponta-nos quão maçadora é a lembrança provocada pelo exílio. Ao discorrer acerca desse local inapropriado, desconfortável e incomum, o autor procura ressaltar que, no entanto, talvez, ainda o pior não seja a simples e tangível rememoração de fatos para sempre subjugados a uma condição relativamente impossível de ser revertida. Mas, sim, a revitalização, pelos laços da memória, da assustadora condição da vivência, ou da terrível experiência que o exílio provoca. Para Said, eminentemente associada à experiência do degredo está a condição dolorosa e fatídica de se estar e se sentir “fora do lugar”, vivenciada pelo sujeito deslocado de sua terra natal - seu berço, sua casa:

E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida do exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

A partir dessa colocação, ao contrário do que ocorrerá n’*O retorno*, em que vemos comparecerem à cena os sentimentos de inadequação de um garoto em face aos exílios geográficos antepostos entre o lá e o cá: a volta, sem esperanças de dias melhores à metrópole e o abandono obrigatório de Luanda, em *Os meus sentimentos* podemos pensar em certo tipo de exílio não exatamente geográfico, mas sobretudo identitário, provado pela protagonista. Violeta é uma mulher exilada não apenas de sua nação, de cujas fronteiras jamais saiu de fato: “nunca fui para longe de mais” (CARDOSO, 2005, p. 89), mas, metaforicamente, de uma suposta identidade. Vejamos.

## **2 Violeta: uma mulher “das mais ordinárias”**

A história inicia-se com um acidente “inesperado” sofrido por Violeta, numa noite de chuva forte, ou, mais especificamente, pela lembrança atordoada da personagem “não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa” (CARDOSO, 2005, p. 9). Violeta decide viajar no mesmo dia em que enfim consegue vender a casa dos pais, local a todo tempo lembrado na narrativa como um fardo ruim. Assim, desde o início da história, somos envolvidos numa atmosfera marcada pela sensação de desconforto que, de certa forma, atravessará toda a narrativa: “a posição em que me encontro, de cabeça para baixo, suspensa pelo cinto de segurança, não me incomoda, o meu corpo, estranhamente, não me pesa, o embate deve ter sido violento” (CARDOSO, 2005, p. 9).

Deslocada de uma identidade socialmente estabelecida como ideal, a narradora-personagem é o reflexo de um sujeito fora do lugar. Essa sensação, sobretudo existencial, partilhada no seio de uma sociedade, como ressalta Eduardo Lourenço (1999), ambigualmente marcada pela nostalgia saudosa e pela melancolia, é atravessada, por outro lado, pelo sentimento de incerteza correlacionado a um tempo líquido, disforme, incerto, muito pertinente a um momento histórico: à vulgo pós-modernidade.

Para corroborar essa afirmativa, podemos observar que neste romance, a verdade jamais é imparcialmente revelada “a verdade depende do ponto de vista” (CARDOSO, 2005, p. 104), sendo apenas sugerida, “está sempre entre nós e os outros, não pertence a ninguém” (CARDOSO, 2005, p. 105). Partilhamos, assim, versões organizadas pelos fios da memória de Violeta, de modo que, ao chegarmos ao próximo parágrafo, não temos certeza de nada. Aí está umas das faces geniais de Dulce Maria Cardoso. Habilmente a autora instaura a ambiguidade, aliada à ideia de incerteza, como traço marcante da narrativa. Nesse sentido, é válido lembrar que *Os meus sentimentos* refrata certos traços social e culturalmente presentes em nossa contemporaneidade. O mal estar vivenciado por Violeta e a própria condição de incerteza a que somos expostos durante a leitura da narrativa, são caudatárias, em última instância, da “pós-modernidade”, período que, conforme Terry Eagleton

(1998) tomaria corpo como representação de uma fase adiantada do capitalismo global, tardio.

Gostaríamos de ressaltar ainda que o sentimento de inadequação, engrenado por um discurso irônico, sórdido e, muitas vezes, cruel, evidencia uma importante crítica em torno de gênero e corporalidade. Há em torno de Violeta uma atmosfera de isolamento que resulta na visualização da imagem de um sujeito “inadequado”, tanto para os padrões de beleza socialmente estabelecidos como ideais: “sou tão ridícula com os sapatos de salto alto e a saia justa”; “[...] no meu corpo, se aperto aqui arrepanha dali” (CARDOSO, 2005, p. 39, 198); como no que tange aos modelos de comportamento esperados para o gênero feminino “uma mulher das mais ordinárias”; “[...] conheço de cor o meu aspecto de puta barata” (CARDOSO, 2005, p. 65, 139).

O mal estar resultante abrange, assim, no que se relaciona à construção da personagem protagonista, tanto a esfera corporal quanto comportamental; e projeta-se na rejeição que sente pela sociedade, que a vê como uma mulher promíscua e esteticamente *out*: “olha aquela gorda perdida de bêbada” (CARDOSO, 2005, p. 12). O mesmo sentimento pode ser alargado para a sua própria família, ou seja, para os seus pais, Celeste e Baltazar: “está miúda é impossível”; “está miúda só diz disparates” (CARDOSO, 2005, p. 160, 209); assim como para sua filha, Dora: “esta noite no restaurante a minha criança repreendeu-me, tem vergonha de mim” (CARDOSO, 2005, p. 37).

Não é por outra razão que, na fronteira da vida e da morte, Violeta acredita que a libertação das frustrações que marcaram os seus dias deve existir num outro plano, numa outra vida, onde poderia flunar levemente, desligada de todo o peso (inclusive corporal) que fora a sua vida terrestre. Esse anseio reflete a inabilidade de lidar com a frustração de “não ter sido o que esperavam dela”; e representa a única possibilidade, talvez, de descanso, como também de completude, na busca por um amor possível:

desde sempre, em todo o lado, a qualquer hora, um entendimento, ele está à minha espera na estalagem sobre o mar, avanço, não tenho

medo de nada, nem sequer do amor, os meus olhos rasos de felicidade, na minha pele as cicatrizes de todos os meus sonhos, a partir de hoje nada vai ser diferente, à minha frente um mar de tempo sempre igual, a minha canção a tocar eternamente (CARDOSO, 2005, p. 304-305).

Tal qual uma forma literária em evolução, como considerou Bakhtin (1988), e na esteira de uma contemporaneidade líquida e disforme (BAUMAN, 2001), o gênero romanesco em Dulce Maria Cardoso faz-se por meio do inacabamento dos sentidos. Além disso, por baixo do plano mais imediato de interpretação dos discursos que formam a narrativa, há camadas mais profundas de significação, que se abrem, por exemplo, para o âmbito ideológico-político português. Nesse sentido, há na narrativa algumas referências à popularmente conhecida Revolução dos Cravos, ao trazer a tona uma reflexão relacionada ao passado nacional, localizado, mais precisamente, no período ditatorial dos anos 70.

Nesse sentido há, no romance, uma tênue crítica à libertação feminina após 25 de abril. As frustrações de Violeta ressoam no uso exacerbado e violento do corpo, na disposição de ferir e ser ferida, principalmente no que se relaciona aos relacionamentos pessoais e amorosos. Desse modo, a protagonista é uma mulher que tem na bebida e no sexo desenfreado os escapes para os traumas diários. Para ela não existem relacionamentos efetivamente duradouros e, nesse âmbito, notamos certo ceticismo em seu discurso: “conheço o amor de ouvir falar” (CARDOSO, 2005, p. 41). Violeta jamais acreditou na possibilidade de uma união pautada em sentimentos recíprocos: “ainda não deixei de me espantar com os que não conseguem comer ou dormir sozinhos, com os que se queixam da solidão, talvez sejam felizes os que conseguem suportar os outros” (CARDOSO, 2005, p. 22). Os relacionamentos furtivos de Violeta são uma espécie de *dom juanismo* apressado, vazio, terminados logo após a conquista.

estacionada no parque para camionistas, com os máximos acesos, aguardando a

minha presa desta noite, o camionista mais curioso, mais inquieto, uma vez identificada a presa ajo segundo as regras que a minha experiência neste tipo de caça me permitiu construir, sou sempre cautelosa, e numa noite destas não me convém espantar a presa, os homens são os animais mais medrosos que conheço, a minha primeira regra consiste numa troca de papéis, torno-me a presa perfeita de qualquer caçador, mesmo do mais inexperiente, quando tiver saciado a carne não me incomoda que descubram a verdade, até me divirto quando isso acontece (CARDOSO, 2005, p. 29)

O uso do corpo não parece condizer com uma conquista efetiva da liberdade feminina em torno do prazer. Na verdade, o que se nota é o uso negativo e destemperado do direito de fazer uso de sua sexualidade, de se relacionar com o outro, ou mesmo de se relacionar com o próprio corpo. O sexo e o prazer realizam-se como um risco a se correr, ou, mais propriamente, como um ato de violência contra o desprezo estúpido dos pais, da filha, do meio-irmão, ou dos rapazes com os quais mal se relacionou na juventude “os rapazes gostavam de mim nas matinês [...] quando as luzes do cinema se apagavam os rapazes vinham ter comigo” (CARDOSO, 2005, p. 41, 43). Esse comportamento acompanha Violeta desde sua adolescência, quando se fazia presa fácil para os garotos.

No fim das contas, a narrativa traz à superfície a imagem de uma mulher talhada pela frustração e pelo desamor, que decidiu viajar, inapropriadamente, numa noite de temporal, a fim de levar as ceras depilatórias que prometera às suas clientes: “viajo na noite do temporal” (CARDOSO, 2005, p. 11). Como consequência, acabou por ser “vítima” de um acidente de automóvel, ficando a dúvida, nas entrelinhas do romance, se, de fato, ela fora vítima ou responsável por sua morte.

## **Conclusão**

O que resumidamente tentamos elucidar nesta comunicação, é a história de uma mulher deslocada de um paradigma ideal, cujas memórias, voláteis, inesperadamente transitam pelo perigoso terreno das incertezas, em que precisão e estabilidade soam como um clichê, discurso vazio ou nas palavras de Violeta, como “lengalenga”. Como lembra-nos Said, “o exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

A rememoração/viagem de Violeta pode ser entendida em, pelo menos, dois contrapontos. Se de um lado, rendeu-lhe uma experiência sediciosa; por outro, não seria demais forçoso se tentássemos encontrar em meio à sua história algum subsídio que nos desse alguma sensação de conforto. Em meio à tão traumática experiência de mal estar em face de uma identidade fora dos padrões, terminamos a leitura com a impressão de que a protagonista ao menos pode, por meio de sua rememoração, enfrentar os seus fantasmas e medos. De qualquer forma, após a leitura do de *Os meus sentimentos*, ficamos com a sensação de que a matéria principal a ser tratada neste belíssimo livro de Dulce Maria Cardoso é a vida; e, para além dela, só nos resta o inesperado com que são tecidos os nossos dias “os meus sentimentos”.

## **Referências Bibliográficas**

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.
- CARDOSO, Dulce Maria. *Os meus sentimentos*. Asa: Alfragide, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O retorno*. Edições Tinta da China: Lisboa, 2011.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1999.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

---

**iAutor(es)**

**Alleid Ribeiro MACHADO, Dra.**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

Bolsista de pós-doutoramento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

[alleid@usp.br](mailto:alleid@usp.br); [alleid@hotmail.com](mailto:alleid@hotmail.com)